

Letramento lexicográfico na educação básica: relações entre o léxico oral e sua forma dicionarizada¹

Halysson Oliveira DANTAS²

Resumo: Este trabalho objetiva analisar como o letramento lexicográfico contribui para o (in)sucesso do aluno em práticas discursivas que envolvam o dicionário, tema relevante nos estudos lexicográficos atuais. Lidamos com palavras típicas da cultura local de alunos de Fortaleza, aleatoriamente escolhidas. Foram desenvolvidas atividades em sala de aula, relacionando as palavras selecionadas em enunciados orais, em vídeos amadores do *youtube*, com seus respectivos verbetes constantes da macroestrutura de dicionários escolares. Os resultados apontam que o letramento lexicográfico estimula a pesquisa autônoma pelos alunos, reforça o caráter documental do registro de algumas palavras vernaculares e propicia maior competência comunicativa destes alunos.

Palavras-chave: Letramento lexicográfico; Dicionário; Metalexicografia.

Abstract: This paper aims to examine how literacy contributes to the lexicographical (in) student success in discursive practices involving the dictionary, relevant topic in the current lexicographical studies. We deal with typical words of the local culture of students of Fortaleza, randomly chosen. Activities were carried out in the classroom, relating the selected words in oral statements in amateur videos from youtube, with their respective entries contained in the macrostructure of dictionaries school. The results show that literacy fosters research lexicographical unattended by students, reinforces the character of the documentary record of some vernacular words and provides greater communicative competence of students.

Keywords: Lexicographical literacy; Dictionary; Metalexicography.

Introdução

A prática docente muitas vezes nos leva a observar, de forma mais crítica, o aprendizado de nossos alunos. De alguma forma, no mesmo instante em que lhes ensinamos algo, estamos também nos perguntando qual a melhor maneira de fazê-lo. Pensando assim, é que muitos professores assumem também o papel de pesquisadores, no intuito de desenvolver cada vez mais o aprendizado de seus alunos.

Deste modo, várias são as teorias que buscam explicar as causas do fracasso ou sucesso escolar, algumas interessantes, outras apenas idealistas e utópicas. Porém, todas convergem para um mesmo ponto,

1 Trabalho apresentado em comunicação individual, por ocasião do II Congresso Internacional de Dialetologia e Sociolinguística (II CIDS) em setembro de 2012.

2 Doutorando em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística - PPGL/UFC. Fortaleza-CE. Correio eletrônico: halysson_dantas@hotmail.com.

que traz o aluno como elemento fundamental da aprendizagem, pois é ele quem deve construir seus conhecimentos, através de experiências mais diversas. Cabe, pois, ao professor, a função de mediador desta aprendizagem, sendo ele alguém que já passou pelos caminhos do saber e que agora ajuda outros a atravessá-lo.

Com relação aos estudos da língua, a questão é ainda mais complexa, pelo fato desta ser o elemento básico da comunicação humana, integradora de ideias e sentimentos e, também, pelo fato de a língua estar em constante evolução, pois assim como mudam os homens e suas concepções, muda também a língua.

Sabemos que este fato é de grande importância para qualquer tipo de estudo ou reflexão que se possa fazer acerca da língua, porém, muitos, por desconhecimento ou por purismo exagerado, ainda o desprezam. Fato este que não entendemos, pois é impossível querer-se, nos dias de hoje, que nossos alunos falem ou escrevam do modo como os contemporâneos de Machado de Assis faziam. Ao contrário, eles estão bem mais próximos de como se fala em seu bairro, em sua rua.

Desta forma, um elemento se torna de fundamental importância para a comprovação mais segura e precisa do significado das palavras, o dicionário, pois é nele que estão armazenadas as palavras que denotam a cultura, os costumes e o saber científico de uma sociedade. Logo, o dicionário deve acompanhar as mudanças ocorridas na língua, para que sua função de "(...) depositário do acervo lexical e da cultura" (BIDERMAN, 1998, p.161) seja cumprida.

Diante disso, muitos professores têm notado que seus alunos apresentam deficiências com relação ao uso do dicionário. Entretanto, não é só em sala de aula que essa deficiência se apresenta, mas também em várias situações cotidianas, em que o dicionário se faz instrumento necessário, pessoas o utilizam de maneira errada. O que os leva a tachar os dicionários de "complicados" e a se frustrarem, criando, assim, certa rejeição quanto ao seu uso. Como se percebe, o problema, aqui, é mais de desconhecimento do que de complicação, visto que lidar com dicionários requer o conhecimento de práticas discursivas específicas, conhecimentos prévios que ajudam no seu manuseio e na compreensão de suas relações com a cultura e a sociedade.

O gosto pela leitura de dicionários e o prazer de sua consulta,

então, surgem no instante em que o consulente percebe a motivação de sua busca e quando ela é feita com êxito. Infelizmente, este é um privilégio para poucos, porque a maioria, por desconhecimento das estratégias de usos desse instrumento linguístico, acaba utilizando-o de forma equivocada. Pois, como afirma Schmitz (1998, p. 160), “todos os jovens gostam de procurar vocábulos compridos e elegantes num dicionário e tentam utilizá-los (de modo errôneo, obviamente) nas suas redações”.

Deste modo, este trabalho visa demonstrar que o desenvolvimento de um tipo específico de letramento, o lexicográfico, a partir do relacionamento entre palavras da cultura local e da cultura global, em práticas discursivas reais de sala de aula, pode consolidar o dicionário como ferramenta pedagógica, que incentiva a pesquisa autônoma, a ampliação do vocabulário e dos conhecimentos enciclopédicos dos estudantes da Educação Básica.

Fundamentos teóricos

Lexicologia

A Lexicologia é a disciplina que estuda as palavras de uma língua em discursos individuais e coletivos. É ela que trata das relações de sentido que existem entre as palavras que constituem o léxico de uma língua. Além disso, tem ainda a tarefa de estabelecer a lista de unidades que compõem o léxico de uma dada língua.

A Lexicologia, portanto, assume um *status* científico e tem-se desenvolvido bastante nos últimos tempos a partir de estudos que analisam o léxico com base em *corpora* constituídos por palavras retiradas de contextos reais de uso como notícias, anúncios, textos conversacionais, entre outros, veiculados nos mais diversos suportes textuais. Destaque-se ainda que o crescimento desta disciplina, hoje em dia, deve-se muito às contribuições da Pragmática, da Linguística Cognitiva, da Sociolinguística, entre outras.

Contudo, há de se estabelecer, ao tratar-se de dicionários, a distinção que se faz atualmente entre a Lexicologia, entendida como a disciplina que se ocupa das reflexões teóricas sobre os dicionários, e a Lexicografia, que diz respeito às questões práticas de elaboração e confecção de dicionários.

Lexicografia

A Lexicografia, por sua vez, caracteriza-se para muitos autores, como a "arte" ou "técnica" de fazer dicionários. Ancorada nos preceitos teóricos estabelecidos pelos estudos lexicológicos, que foram feitos nos últimos tempos, a Lexicografia surge como a aplicação prática dessas teorias lexicológicas. Por isso mesmo, tem sido classificada como estando no âmbito da Linguística Aplicada.

Para Casares (1992), apesar de serem disciplinas que têm o mesmo objeto de estudo - o léxico - diferenciam-se pelo enfoque que lhe é dado:

É de igual maneira que distinguimos uma ciência da gramática e uma arte da gramática, podemos distinguir duas faculdades que têm sua origem num objeto comum, a forma e o significado das palavras: a Lexicologia, que estuda estas matérias do ponto de vista geral e científico, e Lexicografia, cujo sentido, principalmente usual, define-se acertadamente em nosso léxico como "a arte de compor dicionários". (CASARES, 1992, p.10-11)

Esta concepção tem sido bastante aceita e difundida pela maioria dos teóricos que se preocupam com o estudo do léxico, por concordarem que a Lexicografia está notabilizando-se como a parte prática da Lexicologia, o que parece ser de extrema importância para que não se confundam as duas disciplinas como se tratando de uma só.

Lexicografia teórica ou metalexigrafia

O fazer lexicográfico está intimamente ligado aos avanços das teorias da Linguística Moderna. Deste modo, muito além da simples confecção e elaboração de dicionários, a Lexicografia tem se dedicado a outros aspectos relativos a estas obras, como, por exemplo, o uso de dicionários escolares e a crítica que a eles se faz.

A *lexicografia teórica* ou *metalexigrafia* é um espaço multidisciplinar que absorve as contribuições que lhe são dadas pelas várias outras disciplinas da Linguística Moderna, tais como, a Semântica, a Gramática, a Pragmática etc.

A avaliação de dicionários

Alguns estudos têm sido importantes para o desenvolvimento da metalexigrafia enquanto um ramo da Lexicologia e da Lexicografia. No Brasil, diversos pesquisadores como Biderman (2003), Fernández (2003) e Damim (2005), entre outros, têm buscado analisar com mais afinco a intrínseca relação entre os dicionários e o ensino de línguas. Contudo, há ainda uma carência muito grande de bons trabalhos voltados para dicionários pedagógicos em língua materna, ao passo que em língua estrangeira as pesquisas metalexigráficas já estão mais avançadas.

Como se percebe, essa atenção maior aos dicionários de língua estrangeira, que foi também reforçada pelo mercado editorial, acabou relegando um lugar menor à análise e à descrição de dicionários de língua materna. Porém, de acordo com os registros feitos por Welker (2006), somente a partir de 2001, com o estabelecimento pelo MEC (Ministério da Educação) de critérios para a escolha de dicionários, que seriam distribuídos para alunos de escolas públicas por intermédio do PNLD (Programa Nacional de Distribuição de Livros Didáticos), alguns pesquisadores brasileiros começaram a concentrar suas atenções nas questões relativas à confecção e ao uso de dicionários escolares em língua materna.

Diversos trabalhos importantes foram desenvolvidos, tendo como norte as obras lexicográficas que seriam adotadas nas escolas públicas brasileiras. Dentre estes trabalhos, destacam-se pesquisas como a de Biderman (2003), que analisou dois dicionários (*Aurélio* e *Houaiss*), a fim de destacar semelhanças e diferenças entre eles, no que diz respeito à macro e à microestrutura, à luz da metalexigrafia; o estudo de Assad (2004), no qual a autora faz uma análise comparativa de como os dicionários *Aurélio*, *Houaiss* e *Caldas Aulete* estabelecem as relações de sinonímia em seus verbetes; mas, talvez a que mais se destaca seja a pesquisa de Damim (2005), que visa estabelecer parâmetros para a análise de dicionários escolares, no intuito de subsidiar a escolha de tais obras por parte de professores e pelo próprio MEC.

Estes trabalhos só têm reforçado a ideia de que a necessidade de criar-se uma atmosfera de estudos metalexigráficos em língua materna, que contribua para o aprimoramento dos professores, cresce

em razão do enorme *déficit* de aprendizagem de nossos alunos. Assim sendo, um professor que careça de uma formação adequada para o uso do dicionário escolar possivelmente conduzirá seus alunos a relegá-lo a um lugar menor, cumprindo apenas a função de tira-dúvidas. O que é muito pouco frente à gama de possibilidades que o dicionário apresenta ao consulente no momento da consulta, visto que pode proporcionar a absorção não só de significados, mas também de conhecimentos enciclopédicos e científicos, que facilitam o aprendizado dos alunos em língua materna e nas outras disciplinas escolares.

O dicionário

O dicionário é um produto ainda inacabado da memória e da cultura de um povo. Nele, não só se armazenam a bagagem cultural e histórica de uma sociedade, como também se podem evidenciar as transformações por que ela passou e passa. Além do mais, o dicionário pode ser classificado de diversas formas, conforme sua extensão (minidicionários/thesaurus), sua forma de organização (semasiológicos/onomasiológicos) e o fim a que se destina (dicionário geral/dicionário escolar/dicionário técnico).

Jean e Claude Dubois (1971, p.57), citados por Welker (2006) apresentam algumas perspectivas que servem para caracterizar o dicionário:

Em primeiro lugar o consideram um **objeto manufaturado** cuja produção responde a exigências de informação e comunicação. Têm ademais um **objetivo pedagógico**, posto que sejam instrumentos de educação permanente. Por outro lado, os dicionários estão ligados fundamentalmente ao desenvolvimento da comunicação escrita. São também objetos culturais e podem conceber-se eles mesmos como obras literárias (DUBOIS et DUBOIS, 1971, p.57, apud WELKER, 2006, P. 171). (grifos dos autores)

Desta forma, seguindo essa orientação de que um dicionário pode ser considerado um texto, um discurso, é que o estudo das *referências cruzadas ou remissivas*, como um dos aspectos marcantes desse caráter textual-discursivo dos dicionários, apresenta-se como um vasto campo de pesquisa a ser explorado.

Dicionário na sala de aula

É consenso entre estudiosos e leigos afirmar que o dicionário é um livro indispensável à biblioteca de qualquer pessoa, sobretudo na escola, onde os alunos estão a todo momento se deparando com a necessidade de esclarecer certos conceitos.

Entretanto, o dicionário ainda é um livro um tanto mítico, não só pelo fato de ser o dicionário marcado pelo estigma de livro exclusivamente de consulta, que só deve ser utilizado para se procurar o significado de palavras difíceis, como também por ser pouco ou quase nunca utilizado em sala de aula, sendo este uso, na maioria dos casos, restrito às aulas de português.

Como afirma Soares (2000, p.123),

Não é só nas aulas de língua portuguesa que o aluno deverá recorrer ao dicionário, mas habituar-se a usá-lo quando estiver estudando qualquer disciplina. A todos os professores compete formar tal hábito em seus alunos, porque lutar por um crescimento linguístico não é tarefa exclusiva do professor de língua, mas de todos os seus colegas, uma vez que "um esforço isolado perde-se"... (SOARES, 2000, P.123)

Infelizmente, nossos alunos ainda têm uma visão muito restrita e preconceituosa sobre dicionário, pois o veem como uma entidade acima do bem e do mal, na qual se encontra o conjunto de todas as palavras difíceis da língua, deixando, assim, de lado muitas outras contribuições que o dicionário pode proporcionar ao seu aprendizado, como por exemplo: noções de ortografia, morfologia e sintaxe (isto no âmbito da gramática); informações geográficas, históricas, filosóficas e científicas; além de enriquecimento do vocabulário.

A utilização do dicionário em sala de aula não se resume apenas à simples busca de palavras difíceis para o esclarecimento imediato de seus significados. Para além disso, o dicionário, na verdade, é um instrumento imprescindível ao aprendizado da língua (materna ou estrangeira), ao aprendizado de outras matérias e à relação intercultural.

Alguns estudos desenvolvidos nos Estados Unidos, por exemplo, procuram estabelecer a relação entre desenvolvimento do vocabulário e Q.I. As pesquisas consistem em comparações feitas com dois grupos de estudantes colegiais, teoricamente em condições sócioeconômico-culturais homogêneas, que foram submetidos a metodologias distintas

de trabalho com dicionário. O Grupo I segue a metodologia tradicional com a qual estão habituados, enquanto o Grupo II, além de trabalhar com o tradicional, ainda foi treinado com exercícios especiais de vocabulário. Ao término da pesquisa, constatou-se que o segundo grupo havia tido um desenvolvimento consideravelmente maior do que o primeiro na aprendizagem de inglês (para nós, português), bem como na aprendizagem de outras matérias, inclusive matemática e ciências.

De acordo com esses estudos, o desenvolvimento da inteligência está proporcionalmente ligado ao enriquecimento da bagagem lexical. Contudo, se observarmos que a inteligência é inata ao ser humano, o que podemos dizer é que um vocabulário rico contribui para o aprimoramento da percepção e de certas habilidades. Pois, como afirma Garcia (1998, p.157), "vocabulário rico é, assim, manifestação e não fator de inteligência." Ampliando este conceito, acreditamos que vocabulário rico é aquele que contempla a diversidade de significados e de usos de determinadas palavras, de acordo com a situação ou região em que elas são utilizadas. Mas, para isso, é preciso que o consultante de dicionários tenha competência para transitar entre o meio local e o global de uso de determinadas palavras. Daí, então, a necessidade de desenvolver-se o letramento lexicográfico, de modo que o usuário da língua possa, com proficiência, relacionar a língua vernácula com o seu registro na forma dicionarizada.

Metodologia

A presente pesquisa parte da premissa de que o dicionário é uma ferramenta pedagógica extremamente relevante para o desenvolvimento da competência comunicativa dos estudantes dos mais diferentes níveis de ensino.

Assim, para comprovar essa hipótese, selecionamos três obras lexicográficas recomendadas pelo MEC no PNLD de 2006. As obras em questão foram escolhidas ainda por figurarem naquilo que Welker (2006) chama de G3 ou grupo dos três grandes dicionários de Língua Portuguesa, a saber, *Aurélio*, *Houaiss* e *Michaelis*.

Nossa investigação se destinou a alunos da Educação Básica. Para tanto, trabalhamos com um grupo de 30 estudantes da 6ª série da *EEFM Michelson Nobre da Silva*, localizada na Av. Oscar Araripe, 3037 –

Granja Lisboa – Fortaleza – Ceará. A escolha dos sujeitos da pesquisa levou em conta o entorno socioeconômico da escola, por se tratar de escola pública situada num bairro de periferia urbana, cujo IDEB (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica) se encontra abaixo da média nacional. Todos os sujeitos da pesquisa foram identificados apenas pelas iniciais dos seus prenomes por se tratarem de alunos menores de idade e por ser esta a prática estabelecida no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), quando se trata de divulgação de material audiovisual ou impresso deste tipo de público.

Num primeiro momento, procuramos familiarizar os alunos com o livro dicionário, esclarecendo-lhes as estruturas que compõem este tipo de obra de referência, sua forma de organização, além de trabalharmos com o reconhecimento das características do gênero verbete. Em seguida, aplicamos três atividades relativas ao uso do dicionário constantes na obra *Dicionários em Sala de Aula* (2006), que é parte do esforço do MEC em sua Política Nacional de Formação de Leitores. Vale ressaltar que a referida obra encontra-se à disposição nas bibliotecas de todas as escolas públicas do país.

Tais atividades partiram da seleção de palavras constantes em vídeos do *youtube* que contemplavam o falar da periferia de Fortaleza. Dentre os vídeos utilizados, destacamos para o escopo deste trabalho os vídeos *Venha visitar fortaleza* e *Tiririca – sou eu o abestado*.

As palavras selecionadas nos vídeos foram espontaneamente apontadas pelos alunos sujeitos da pesquisa, ancorados em sua própria experiência linguística. Curiosamente, de pronto, os alunos apontaram as seguintes palavras: *abestado*, *amancebado*, *bonequeiro* e *rebolar*. Um substantivo e três verbos em sua forma nominal (infinitivo e participio).

Em seguida, os alunos desenvolveram atividades de busca alfabética, de seleção de acepção e de produção de exemplos de uso. Estas atividades tiveram como norte a obra de Rangel (2006), citada anteriormente. Todas as tarefas foram realizadas em duplas ou equipes de três alunos, de modo a facilitar a observação de sua prática.

Por fim, realizamos um questionário com os alunos a fim de que pudéssemos compreender melhor como se estabeleceu, antes e depois das atividades, o relacionamento dos consulentes com o dicionário e se há, por parte deles, a percepção de que o trabalho com este tipo de

obra de referência facilita a pesquisa e contribui para expansão de seu nível vocabular.

Análise dos dados

Na intenção de entender de que forma o aluno lida com o dicionário, seus preconceitos, suas perspectivas e suas frustrações, é que realizamos um questionário acerca desses assuntos, bem como a execução de exercícios que valeram muito as observações que fizemos.

A partir daí, pudemos constatar que nossos alunos não são orientados para a pesquisa em dicionário, ou seja, não há em nossas escolas o desenvolvimento do letramento lexicográfico. Além disso, os alunos nutrem ainda muitos preconceitos e mitos referentes a esse importante instrumento linguístico, o que nos leva a crer que sejam estas as causas de seu fracasso frente ao dicionário. Entretanto, a vontade de aprender e a curiosidade demonstram que nossos alunos estão dispostos a este tipo de pesquisa e a consideram de suma importância para o desenvolvimento de sua aprendizagem. Conforme aponta um dos informantes:

"Eu... eu nem pensei que nós podia usar dicionário. Aqui na aula... na tarefa" (aluna A.L. 6ª série/EF).

É importante salientar ainda que ao contrário do que se pratica atualmente nas salas de aula de Língua Materna, a prática do estudo autônomo parece ser bem aceita pelos alunos, visto que ao longo das atividades com o dicionário eles se mostraram bastante interessados em buscar novas informações por si mesmos. Em relação ao desenvolvimento das atividades, pudemos perceber tal característica de maneira mais clara, devido à necessidade de associar palavras já bem conhecidas no seu uso cotidiano com sua forma dicionarizada.

"Amancebado? Tem aqui não... tem é outra palavra, mas é parecida. Amancebado é minha mãe que diz... no dicionário... diz de outro jeito. E... e tem essa outra: concubina. Deve ser mulher, né" (aluna L.D. 6ª série/EF).

Aqui cabe a reflexão de que quando se relaciona o saber

linguístico local com o saber linguístico global, consagrado por uma elite dominante, este último é melhor apreendido, haja vista que a consulta ao dicionário não parte de tarefas inócuas. Muito pelo contrário, os alunos se sentiram extremamente estimulados a buscar o maior número de informações que o dicionário dispunha para palavras que eles nem ao menos acreditavam ser dicionarizadas.

Outro ponto que nos chamou atenção foi o fato de que o trabalho em duplas ou em equipes estimulou a troca de experiências e a colaboração entre os alunos que, em alguns momentos, pareciam nem se lembrar da figura do professor, pois a este recorriam às vezes para confirmar uma “descoberta” que havia sido feita.

“Mancebia eu não conheço. Minha colega achou. Eu pensava que era safadeza, porque... um home(sic) se juntou com uma menina bem novinha na minha rua. A mãe dela nem sabia. Eu pensava que isso (amancebado) era o povo da rua que falava, mas tem no dicionário” (aluno J.P. 6ª série/EF).

Há que se destacar ainda que foi possível fazer que os alunos percebessem que o dicionário, assim como outros livros didáticos, serve também para suscitar discussões a respeito de problemas que eles enfrentam no dia-a-dia. Hoje, com a enxurrada de informações sobre *bullying* na mídia, um dos vídeos acabou trazendo à tona este “mal”, como foi dito por uma aluna, tendo sido as discussões em torno de aspectos positivos e negativos de algumas palavras, reforçados pelas informações do dicionário.

O trabalho com dicionário durante as aulas é um processo que vai sendo construído ao longo da aprendizagem do educando e que não pode ser deixado de lado. Portanto, nossos dados ainda são muito insipientes para que possamos tomar qualquer asserção como verdadeira ou falsa. No entanto, a princípio, alguns pontos já se mostram embrionários daquilo que se pode detectar a partir de uma observação mais frequente e duradoura da prática discursiva dos alunos na sala de aula de língua materna com base na utilização dos dicionários. Dentre eles, cabe destacar que o gosto pelo dicionário e pela pesquisa autônoma está intimamente ligado à prévia orientação de como manuseá-lo, quais seus atalhos e suas armadilhas, bem como

a relação entre a cultura local e a global. Durante o desenvolvimento das atividades foi possível observar que, assim, os alunos/consulentes se sentiam muito mais seguros para suprir suas demandas e mais independentes frente à figura do professor.

Não que este seja descartável no processo, pelo contrário, o professor faz toda diferença não só em motivar os alunos a usar as obras de referências, como também dar-lhes as orientações necessárias para que eles saibam como e onde procurar o que precisam. Desta forma, pudemos constatar ainda que o sucesso na consulta ao dicionário é um elemento motivador tanto para o trabalho específico com este tipo de obra, como em relação às outras disciplinas da grade curricular, pois, como disse um dos alunos participantes da pesquisa, “a gente vai aprendendo outras palavras, outros significados e vai ficando mais fácil, né... como essa aqui, pejorativo”. E isso é só o começo.

Considerações finais

Os dados levantados no decorrer deste trabalho nos levaram a um consenso de que os *alunos* tinham e *ainda* têm enormes problemas para consulta ao dicionário. Embora muitos professores o considerem como uma fonte de referência bastante comum, na prática acontecem grandes surpresas, porque observamos que os alunos não conhecem a função e o grandioso valor que o dicionário tem. Fez-se necessária a execução de muitos exercícios para que os alunos pudessem praticar em parte a sua capacidade de consulta, pois durante a fase de observação constatamos que alguns obstáculos ainda permaneciam, visto que eles não foram educados a recorrer a esta fonte de pesquisa no decorrer de sua vida escolar.

Compete a nós professores, num esforço coletivo, incentivar ainda mais nossos *alunos* a busca de significados que desconhecem ou a comprovação de significados que já conhecem em sua cultura local. Quanto mais cedo forem preparados para manusear dicionários, maiores descobertas farão e maior interesse terão em realizar pesquisas por si só. Porém, vale salientar também que esta não é apenas uma tarefa do professor de língua, mas de todos, incluindo a escola. Só assim o aluno poderá habituar-se a usar o dicionário para realizar as operações que citamos logo acima.

Constatamos que nossos alunos não têm maturidade suficiente para realizarem este tipo de atividade, pois ainda encontram uma série de dificuldades e necessitam da mediação do professor.

No entanto, apesar das dificuldades apresentadas, as quais já relatamos na análise dos dados, pudemos observar ainda que eles se encontram predispostos a realizarem este tipo de atividades, pois apontaram questões bastante positivas no que concerne à melhoria do ensino-aprendizagem, julgando, assim, a pesquisa de suma importância.

Outro fator que consideramos relevante é que eles acreditam que a escola deve ser a pioneira neste sentido, pois com o incentivo e as condições necessárias é que poderão evoluir sua relação com o dicionário e melhorar seu aprendizado.

Por fim, concluímos que a maioria considera o dicionário de suma importância, ainda que encontrem dificuldades. Houve evolução em seu aprendizado, o que os motiva a continuar pesquisando, pois gostaram do incentivo e consideraram a pesquisa bastante construtiva.

Referências

ASSAD, Claudia. A Sinonímia no Dicionário. **In: Caderno Seminal Digital** – Vol1 – Nº 2 – 1. (Jul/Dez-2004). Rio de Janeiro, Dialogarts, 2004, p. 17-29

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. **Dicionário didático de português**. 2. Ed. São Paulo, Ática, 1998.

CASARES, J. **Novíssimo diccionario inglês-español, español-inglês**. Madrid, Saturnino Calleja, 1992.

DAMIM, Cristina. **Proposição de critérios metalexigráficos para avaliação de dicionário escolar**. Dissertação de mestrado em Letras. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2005.

FERNÁNDEZ, Dolores Azorín. La Lexicografía como disciplina lingüística. In: Guerra, A. M. M. (Coord.). **Lexicografía Española**. Barcelona, Ariel Lingüística, 2003.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Mini Aurélio Século XXI Escolar: o minidicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2001.

GARCIA, Othon Moacyr. **Comunicação em prosa moderna: aprender a escrever, aprendendo a pensar**. 17. Ed. (reimp.), Rio de Janeiro, Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998.

JORNAL DO MEC. Órgão Oficial do Ministério da Educação Ano IX, n. 11. Brasília -DF, junho/julho de 2001.

LUFT, Celso Pedro. **Minidicionário**. São Paulo, Editora Ática, 1997.

MAIA JR, Raul; PASTOR, Nelson. **Coleção magno dicionário brasileiro de língua portuguesa**. São Paulo: Difusão Cultural do Livro, 1995.

HOAUISS, Antônio. **Minidicionário Houaiss da língua portuguesa**. Organizado pelo Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa S/C Ltda. – 2ª ed. rev.e aum. – Rio de Janeiro, Objetiva, 2004.

PONTES, A. L. **Aspectos do ensino de vocabulário**. Fortaleza, Fundação Demócrito Rocha, 2000.

SACCONI, Luiz Antônio. **Minidicionário Sacconi da língua portuguesa**. São Paulo, Atual, 1996.

SCHMITZ, John Robert. A problemática dos dicionários bilíngues. OLIVEIRA, A. M. P. P. de; ÍSQUERDO, A. N. (Orgs.) **As Ciências do Léxico**. Campo Grande, UFMS, 1998.

SOARES, Leda Saraiva. Técnica do manuseio do dicionário e enriquecimento do vocabulário. In: LEFFA, Vilson J. (Org.) **As palavras e sua companhia - "o léxico na aprendizagem"**. Pelotas, ALAB, 2000.

TUFANO, Douglas. **Moderno dicionário escolar**. 1ª. Ed. São Paulo, Moderna, 1992.

WELKER, H. A. **O uso de dicionários: panorama geral das pesquisas empíricas**. Brasília, Thesaurus, 2006.

Recebido em 25 de outubro de 2013.

Aceito em 24 de março de 2014.